

Polêmica do barulho

Moradores da Vila Independência e repúblicas da Esalq participam de outro encontro tenso

MARCELO ROCHA

Da Gazeta de Piracicaba

marcelo.rocha@gazetadepiracicaba.com.br

Os desentendimentos entre moradores da Vila Independência e algumas repúblicas de alunos da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), por conta do barulho, continuam. Anteontem, em mais um encontro tenso, as partes discutiram o assunto que parece não ter fim. A novidade agora é que o Ministério Público em Piracicaba, que acolheu a reclamação de residentes do bairro, vai notificar as repúblicas citadas e emitir um Termo de Ajuste de Conduta (TAC), sob pena de multa caso elas descumpriam o termo.

A nova rodada de discussões também foi num salão da Igreja São Judas Tadeu, local onde as partes já haviam negociado em outubro do ano passado. Membros da Polícia Militar e da Guarda Civil Municipal também foram à reunião.

O vereador Paulo Camolesi (Rede), que articula os debates, relatou no início do encontro



Reunião foi realizada em salão da Igreja São Judas Tadeu, na última sexta-feira à noite, num clima tenso

que "o promotor Fabio Salem Carvalho (da área de Meio Ambiente) vai chamar república por república para fazer um TAC". Treze repúblicas foram identificadas e serão chamadas. "O promotor foi enfático: quem não se adequar, vai pagar multa. Isso vale tanto para

o inquilino quanto para o proprietário do imóvel", declara.

Paula Carneiro, 21 anos, representante do Conselho das Repúblicas da Esalq, disse que apenas cinco repúblicas das envolvidas integram o órgão estudantil. "Alguns dos endereços citados não têm número,

então, não conseguimos contatar. Em outro, moram funcionários de uma empresa de telefonia/TV por assinatura e em outro reside uma família. As repúblicas que conhecemos foram chamadas para virem para cá hoje, para dialogarem com a população", afirma.

"Nossa posição é tentar solucionar o problema, conscientizar as repúblicas e melhorar a situação para os vizinhos", acrescenta.

Carlos Aparecido Oliveira, 63 anos, morador do bairro há 48 anos, lembra que no dia 22 de março houve, inclusive, uma reunião com o diretor da Esalq, Luiz Gustavo Nussio, para tratar o tema. "Mas os alunos tendem a desrespeitar as leis, a desordem continua a mesma", diz. "Então, agora não temos outra arma a não ser denunciar vocês. Eu trabalhei 45 anos para comprar a minha casa, que agora está desvalorizada porque ninguém quer morar do lado de uma república", desabafa.

O professor da Esalq e sociólogo Antônio Ribeiro Almeida Jr., que paralelamente realiza uma pesquisa sobre os trotes violentos nas universidades, falou que apoia "incondicionalmente o grupo de moradores". "Está na hora de vocês, alunos da Esalq, caírem na real. Esse é um comportamento sem futuro, inadequado para a sociedade", disse.

